



## A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE EMMANUEL LÈVINAS E DE LÚCIO PACKTER: PARALELOS E APROXIMAÇÕES

### *EMMANUEL LÈVINAS' AND LÚCIO PACKTER'S THOUGHT FORMATION: PARALLELS AND APPROXIMATIONS*

Elcio Joél Pastorio\*

#### RESUMO

A presente pesquisa aborda uma correlação entre a historicidade do pensamento de Lúcio Packter e a de Emmanuel Lèvinas, na perspectiva do Tópico 28, referente às interseções de Estrutura de Pensamento. Ao se realizar uma conversação historiográfica desses autores-filósofos por meio de análise bibliográfica, fenomenológica e descritiva, desde uma Revisão de Literatura, desvelam-se as intencionalidades das bases alteritária levinasiana e packteriana. O pensamento de Lèvinas se forjou na prática existencial de nomadismo de seu povo e nas perseguições sofridas que chegam a si e à família, levando-o a questionamentos ético-políticos que, alicerçados na sua formação em leituras da Bíblia, de clássicos russos e de pensadores da tradição filosófica, de Heidegger e Husserl, desencadeiam a formulação de uma filosofia altruísta que revoluciona a ontologia, colocando o Outro e a responsabilidade para com ele na centralidade ética transcendental. Lúcio Packter, também de origem judaica e, comungando de inquietações existenciais e do sofrimento da alma dos Outros, cujas terapias não davam respostas satisfatórias, faz suas migrações e encontra nos mais de 2.500 anos de Filosofia a possibilidade de sistematização da Filosofia Clínica, trazendo à práxis terapêutica nuances próprias.

**Palavras-chave:** Emmanuel Lèvinas; Lúcio Packter; historicidade; ética transcendental; práxis terapêutica.

#### ABSTRACT

*This research addresses a correlation between the historicity of Lúcio Packter's thought and that of Emmanuel Lévinas, from the perspective of Topic 28, referring to the intersections of Thought Structure. By carrying out a historiographical conversation of these philosopher-authors through bibliographical, phenomenological and descriptive analysis, from a Literature Review, the intentionalities of the Levinasian and Packterian alteritarian bases are revealed. Lévinas' thinking was forged in the existential practice of nomadism of his people and in the persecutions he and his family suffered, leading him to ethical-political questions that, based on his training in reading the Bible, Russian classics and thinkers from the philosophical tradition, from Heidegger and Husserl, trigger the formulation of an altruistic philosophy that revolutionizes ontology, placing the Other and responsibility towards him in transcendental ethical centrality. Lúcio Packter, also of Jewish origin and, sharing existential concerns and the suffering of the soul of Others, whose therapies did not provide satisfactory answers, makes his migrations and finds in more than 2,500 years of Philosophy the possibility of systematizing Clinical Philosophy, bringing to therapeutic praxis has its own nuances.*

**Keywords:** Emmanuel Lévinas; Lúcio Packter; historicity; transcendental ethics; therapeutic praxis.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa, no formato *artigo*, busca identificar as bases existenciais da formação do pensamento de Emmanuel Lèvinas<sup>1</sup>, filósofo da alteridade, e

<sup>1</sup> Os comentadores de Emmanuel Lèvinas divergem quanto à acentuação ou não no nome do pensador. Para o presente trabalho será respeitada a maneira como cada autor faz referência, por isso se observará algumas vezes Levinas escrito sem acentuação alguma, outras vezes grafado como Levinás, nas citações diretas ou nas referências bibliográficas. Entretanto, no discorrer do trabalho, quando nós nos referimos a Emmanuel Lèvinas utilizaremos a acentuação grave na letra e, como a grafia original em Lituano.



da formação do pensamento de Lúcio Packter, sistematizador da Filosofia Clínica no Brasil, bem como realizar uma conversação historiográfica entre as bases categoriais e pensamentos de ambos.

Nas bases do pensar ético-fenomenológico levinasiano estão leituras da Bíblia, de autores russos e estudos posteriores de pensadores tradicionais da Filosofia, especialmente de Heidegger e de Husserl. Ademais, dá-se um tratamento acerca das frequentes migrações desde a infância do filósofo até a experiência em campo de concentração, todas elas marcadas pela presença da violência física e psicológica, que o levam a uma radical e sistemática reflexão a respeito da alteridade, invertendo o paradigma da ontologia e colocando o Outro em seu lugar próprio na relação face-a-face com o Eu, desnudando-se<sup>2</sup> e impondo responsabilidades.

Na gênese do pensamento do sistematizador da Filosofia Clínica, Lúcio Packter, o filósofo brasileiro de origem judaica, proveniente de tradicional família de médicos e psiquiatras, estão incursões pela Europa em busca de respostas para suas inquietações de ordem existencial, não respondidas satisfatoriamente pelas terapias tradicionais, o que o faz migrar para a filosofia e encontrar, nos mais de 2.500 anos de pensamento filosófico, a possibilidade concreta da construção de uma metodologia para a terapia que veio a chamar ‘Filosofia Clínica’, uma práxis da alteridade, na qual a relação com o Outro ganha contornos de uma escuta ainda mais ética e responsável, com ênfase na responsabilidade.

Em Lúcio Packter, assim como em Lèvinas, teoria e prática parecem se confundir estrategicamente<sup>3</sup>. No encontro com o Outro, que na Filosofia Clínica chama-se partilhante, ocorrem as interseções de Estruturas de Pensamento (Tópico 28). A qualidade das interseções, que se estabelecem, consolida uma clínica satisfatória. Nessa correlação, na clínica packteriana, o partilhante ocupa o centro das atenções, atenções práticas que

---

<sup>2</sup> “A pele do rosto é a que permanece mais nua, mais despida. A mais nua, se bem que de uma nudez decente. A mais despida também: há no rosto uma pobreza essencial; a prova disto é que se procura mascarar tal pobreza assumindo atitudes, disfarçando. O rosto está exposto, ameaçado, como se nos convidasse a um acto de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar.” (Levinas, 1982, p. 69-70).

<sup>3</sup> No final do prefácio de *Totalidade e Infinito* (2022, p. 15-16) Lèvinas esclarece que “[...] A oposição tradicional entre teoria e prática desvanecer-se-á a partir da transcendência metafísica em que se estabelece uma relação com o absolutamente outro ou a verdade, e da qual a ética é a via real. Até então, a relação entre teoria e prática só se concebia como uma solidariedade ou uma hierarquia: a atividade assenta em conhecimentos que a iluminam; o conhecimento pede aos actos o domínio da matéria, das almas e das sociedades – uma técnica, uma moral, uma política – que proporciona a paz necessária ao seu exercício puro. Nós vamos mais longe e, correndo o risco de parecer confundir teoria e prática, tratamos uma e outra como modos da transcendência metafísica. A confusão aparente é desejada e constitui uma das teses deste livro. A fenomenologia husserliana tornou possível a passagem da ética para a exterioridade metafísica”.



seguem o método da ética da escuta radical e do conhecimento do Outro por aproximação através da historicidade<sup>4</sup>.

## 2 A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE EMMANUEL LÈVINAS

Emmanuel Lèvinas nasceu na Lituânia na primeira década do século XX, especificamente no dia 12 de janeiro de 1906, consoante o calendário gregoriano. A região de seu nascimento era muito influenciada pela Igreja Católica Ortodoxa e por essa razão alguns sustentam o ano de seu nascimento em 1905, conforme o calendário juliano (Martins, 2014, p. 13).

De família judaica, onde os ensinamentos da tradição religiosa se faziam muito presentes, adquiriu conhecimento da Bíblia e da Talmud. Aquela foi seu primeiro grande contato com a leitura que, na sua própria compreensão (Lèvinas, 1982<sup>5</sup>, p. 11), é o livro por excelência, por dizer as coisas primeiras, aquelas que dirigem a vida humana a um sentido existencial e que conduzem à transcendência. Assim, o menino Lèvinas teve na leitura a gênese da formação do seu pensamento, que na idade adulta será marcado pela alteridade.

O mesmo conviveu em ambiente favorável à busca pelo saber. B. C. Hutchens (2007, p. 19) destaca a possível influência do pai, que era livreiro, nesse fascínio que marcou a sua existência. Na infância esteve envolto em um contexto multilíngue, com contato direto com o iídiche, o russo e o hebraico que eram falados em sua casa. Ainda nesse contexto familiar, e bastante cedo, tem contato com os clássicos da literatura russa como Pushkin, Lermontov, Gogol, Turguenev, Dostoievsky e Tolstoi.

---

<sup>4</sup> Em Filosofia Clínica, chama-se Historicidade a edição que o partilhante faz de suas vivências, desde suas lembranças mais antigas até o momento presente da clínica. O filósofo clínico durante a pesquisa da historicidade deve tomar as devidas precauções para evitar agendamentos indevidos, bem como conduzir o partilhante para que não efetue saltos lógicos e/ou temporais na edição de sua história. Esse procedimento pode durar poucas sessões ou até meses, a depender do tempo e da singularidade do partilhante ao contar sua historicidade. A partir dessa historicidade bruta, o filósofo clínico avança nos aprofundamentos processuais com os chamados Dados Divisórios de primeira e de segunda leva, e posteriormente com as Enraizamentos. É com a historicidade que o filósofo clínico passa a conhecer, por aproximação, o partilhante, suas bases categoriais e sua Estrutura de Pensamento.

<sup>5</sup> As referências bibliográficas no presente trabalho respeitam ao ano de publicação da obra citada. No caso específico das obras de Emmanuel Lèvinas, segue-se a mesma norma técnica, destacando o ano de publicação da tradução para a Língua Portuguesa. Entretanto ressaltamos que as obras originais de Emmanuel Lèvinas citados no presente trabalho ou nas referências bibliográficas são as que segue: **Da Existência ao Existente**, 1947; **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger**, 1949; **Totalidade e Infinito**, 1961; **Humanismo do Outro homem**, 1972; **De outro modo de que ser ou para lá da essência**, 1974; **De Deus que vem a ideia**, 1982; **Ética e Infinito**, 1982.



Marcelo Luiz Pelizzoli comenta sobre a infância de Lèvinas expressando que ele “[...] frequênta (*sic*) a tradição hebraica da palavra, da gravidade e responsabilidade do texto e da ética de um judeu religioso. [...]” (Pelizzoli, 2002, p. 23).

A cidade natal de Lèvinas tinha muitas sinagogas e escolas que ensinavam hebraico e se faziam estudos talmúdicos, em uma delas ele estudou hebraico. O caráter dialético do pensamento rabínico que cultivava uma tradição hermenêutica auxiliou o despertar de Lèvinas pelos livros. Márcio Luis Costa expressa que

O judaísmo lituano é caracterizado por Lèvinas como não-místico, dotado de um dinamismo hermenêutico de índole dialética e constituído a partir de interpretações de interpretações de textos de textos. Este judaísmo teve a virtude de despertar em Lèvinas um grande interesse pelos livros. (Costa, 2000, p. 33).

Essa base existencial e familiar de contato com os livros e a religiosidade na infância, os múltiplos acontecimentos violentos e o mergulho na cultura europeia ocidental o conduzem à intensa reflexão e produção filosófica.

A literatura russa, com a sua riqueza nos temas do amor e da transcendência conduziram Lèvinas aos caminhos da filosofia. Essa literatura “[...] estava carregada de inquietudes pelas coisas essenciais relativas ao sentido profundo da vida humana, tema nevrálgico que desde então ocupava um lugar central, ao mesmo tempo discreto, nas meditações levinasianas. [...]” (Costa, 2000, p. 34).

Ainda aos dezoito anos, o contato com quatro professores<sup>6</sup>, que lhe foram importantes, Lèvinas faz sua iniciação aos filósofos como Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Durkheim e Bergson. O contato com o pensamento de Bergson influencia Lèvinas na formulação de algumas categorias fundamentais da Ética, que irão acompanhar a construção não linear do seu pensamento filosófico<sup>7</sup>. Márcio Luis Costa comenta que

<sup>6</sup> Segundo Herlon Alvez Bezerra (2013, p.174), entre 1924 a 1929, Lèvinas “[...] teve como mestres Maurice Pradines (1874-1958), em Filosofia Geral; Henri Carteron, em Filosofia Antiga; Charles Blondel (1876-1939), em Psicologia, e Maurice Halbwachs (1877-1945), em Sociologia. [...]”.

<sup>7</sup> Autores e comentadores divergem sobre as fases de desenvolvimento e consolidação da produção filosófica de Emmanuel Lèvinas na sua trajetória bioepistemológica até firmar a ética da alteridade como filosofia primeira. Nilo Ribeiro Junior (2005, p. 18-24) segmenta cronologicamente a obra de Lèvinas em três períodos: o primeiro que se estende de 1929 a 1951, no qual o nosso filósofo está focado em escritos e comentários de Husserl e Heidegger; o segundo que vai de 1952 a 1964, com escritos sobre o Judaísmo e Lições Talmúdicas; e o terceiro e último período, que é o da consolidação do seu pensamento filosófico, começa em 1965 e se prolonga até 1995, ano de sua morte, cujos escritos são de ordem filosóficos e pessoais com ênfase nos temas da ética e da alteridade. Outros preferem abordar a arquitetura progressiva do pensamento e obra de Emmanuel Lèvinas em quatro momentos distintos. Entre estes encontramos Márcio Luiz Costa (2000, p. 19-30). Segundo Costa a primeiro momento caracteriza-se por um diálogo com a obra de Husserl e Heidegger, limitado aos anos de 1928 a 1930; o segundo momento, compreendendo praticamente três décadas (1932-1960).



A concepção bergsoniana do tempo como duração e seu questionamento da noção de “ser” influenciam na formulação de algumas categorias fundantes da Ética de Lévinas: tempo como “diacronia” e “meta-física” como “diferentemente de ser, de não-ser e de saber. [...]”. (Costa, 2000, p. 36, grifos do autor).

Casualmente, entra em contato com a obra de Husserl, que marca profundamente seu pensamento fenomenológico. Sobre a importância da filosofia husserliana, o próprio Lévinas discorre que “[...] Foi com Husserl que descobri o sentido concreto da própria possibilidade de “trabalhar em filosofia” sem, no seu conjunto, ficar fechado num sistema de dogmas, mas ao mesmo tempo sem correr o risco de avançar por intuições caóticas.” (Lévinas, 1982, p. 17, grifos do autor).

Lévinas também tem um importante contato com a obra de Heidegger e, embora algumas restrições ao seu pensamento, atribui ao *Sein und Zeit* um exercício soberano da fenomenologia, situando-a entre as obras-mestras do pensamento ocidental, e chega a concluir

[...] que um homem que, no século XX, começa a filosofar não pode deixar de ter atravessado a filosofia de Heidegger, mesmo para dela sair. Este pensamento é um grande acontecimento do nosso século. Filosofar sem ter conhecido Heidegger implicaria uma dose de “ingenuidade”, no sentido husserliano do termo: há para Husserl saberes muito respeitáveis e alguns, os saberes científicos, que são “ingênuos” na medida em que são absorvidos pelo objecto, ignoram o problema do estatuto da sua objectividade. (Levinas, 1982, p. 28, grifos do autor).

O que chama atenção de Lévinas na fenomenologia heideggeriana é o conceito de intencionalidade, que anima o próprio existir, no sentido ontológico primordial do nada, e a noção de finitude, do estar-aí, do ser-para-a-morte. Ainda, como afirma B. C. Hutchens (2007, p. 20), Lévinas frequentava “[...] os salões do existencialista religioso Gabriel Marcel e os brilhantes seminários do professor Alexander Kojève [...]”, mostrando já ser uma figura familiar, embora secundária, na vida intelectual parisiense.

---

(Continuidade da Nota 7) A época de 1932-1960 é marcada por um intenso e distanciador diálogo com a ontologia fundamental de Heidegger; o momento seguinte coincide com a primeira grande síntese filosófica da obra do nosso filósofo, é o período da maturidade, onde Lévinas faz a defesa da tese que sustenta a anterioridade da ética com relação à ontologia fundamental e toda e qualquer filosofia possível; o quarto e último momento é o do coroamento da ética como filosofia primeira. Entretanto, o mais importante segundo François-David Sebbah (2009, p. 27-28) é o reconhecimento dos principais elementos de referência de Levinas que permitem “esboçar uma rápida cartografia da obra levinasiana”, começando pelos “escritos de juventude”, com trabalhos introdutórios como comentador de Husserl e Heidegger e da exegese talmúdica e culminando com “as obras da maturidade em que a exigência de se evadir do ser e de se deixar afetar pelo *outramente que ser* desenvolve-se [...] como exigência ética orientada pelo rosto de Outrem.”



Embora não se negue a importância da formação teórico-filosófica de Emmanuel Lèvinas, descritas anteriormente, alguns acontecimentos históricos peculiares marcaram fundamentalmente a consolidação do seu pensamento alteritário. Lèvinas tem a vida marcada pela dinâmica da guerra. Marcelo Luiz Pelizzoli resume bem o contexto ao comentar que

[...] temos em Levinas um imigrante que oscila entre culturas diferentes e bebe de fontes diversas, e que sente na pele os efeitos da violência. Outra peculiaridade se faz fundamental apontar: o sofrimento e terror impostos aos familiares, amigos e a ele mesmo pelo advento do nazismo, da perseguição aos judeus e da Guerra. (Pelizzoli, 2002, p. 24)

Ainda criança, Lèvinas faz a experiência de sua primeira guerra (Costa, 2000, p.33). Em função da Primeira Guerra Mundial, a cidade de Kovno, Kaunas em Português, é tomada pelos alemães e os judeus são expulsos da Lituânia em 1915. A família migra forçosamente e Emmanuel Lèvinas, “[...] ainda aos nove anos de idade, ‘toma-lições-na-pele’, pela primeira vez em sua vida, quanto ao destino existencialmente nômade de sua condição étnica – sua família acaba por buscar refúgio em Cracóvia, na Ucrânia. [...]” (Bezerra, 2013, p. 172, grifo do autor).

Na Ucrânia, na condição de refugiado, fez seus estudos secundários no Liceu e viveu momentos de muita tensão e temor por pertencer a uma família pequeno-burguesa no contexto dos desdobramentos da revolução bolchevique de 1917 na Rússia, o que levou a seus primeiros questionamentos pessoais de ordem moral. Com a vitória dos aliados e a libertação da Lituânia dos alemães, a família de Lèvinas retorna a Kovno em 1920 e a vida parece voltar ao seu fluxo normal. Entretanto, a estada na Ucrânia deixara marcas indeléveis de inquietações ético-políticas quanto à realidade cultural europeia ocidental, que o levam a migrar, em 1923, para a cidade francesa de Estrasburgo em busca de respostas, onde estabeleceu uma comunhão espiritual e de interesses temáticos com outros jovens judeus, como Rémi Rontchewsky, Madeleine Guéry, Suzane Pentillas e Maurice Blanchot. Ainda,

Em Estrasburgo Lévinas entra em contato com importantes personalidades do mundo filosófico, mas sobretudo lhe chama a atenção o curso de Ética e Política ministrado por Maurice Pradines, que tomava a filosofia de um pensador judeu de nome Dreyfus como exemplo das relações entre Ética e Política. Este tema vai ocupar um lugar significativo na fase definitiva do pensamento de Lévinas. (Costa, 2000, p. 35).



Posteriormente migra para Friburgo, na Alemanha, onde estuda Fenomenologia com o próprio Husserl no biênio de 1928 e 1929. Após conclusão do doutorado retorna à França em 1930, estabelecendo-se em Paris. Adota a nacionalidade francesa e presta serviço militar.

Já marcado pelo antissemitismo czarista russo na infância, viria a sofrer as agruras do antissemitismo nazista. Com o advento da Segunda Guerra Mundial oferece-se para participar da guerra usando suas habilidades linguísticas como intérprete de russo e alemão. Feito prisioneiro dos alemães em Rennes (França), “[...] graças ao uniforme francês foi enviado a um campo de trabalhos forçados para prisioneiros de guerra e não para um campo de concentração. [...]”. (Hutchens, 2017, p. 20). Declarado judeu, foi mantido no campo Stammlager 11 B, em Hannover, na Alemanha, por cinco anos, sob proteção da Convenção de Genebra sobre prisioneiros de guerra. Essa condição não o eximiu de experimentar os sofrimentos da segregação antissemita, vendo seus companheiros sendo torturados e assassinados, enquanto sua família na Lituânia era perseguida e massacrada pelos nazistas ainda nos primeiros anos da guerra. Durante o cativeiro no Stammlager 11 B, Lèvinas

Ocupava o tempo livre com abundantes leituras e aproveitou para pôr-se em dia com relação a uma série de obras filosóficas que não havia lido antes. Nessa maratona de leituras filosóficas pôde ler Hegel, Proust, Diderot, Rousseau e outros autores de diferentes procedências. (Costa, 2000, p. 40).

Esse período representou um paradoxo para Lèvinas. Ao mesmo tempo que estava isolado dos conflitos bélicos, não recebia notícias dos familiares. Os rumores sobre os campos de extermínio geravam uma expectativa oscilante entre a vida e a morte dos judeus cativos. Nesse contexto Lèvinas começou a escrever a obra *De l'existence à l'existant*, que fora publicada em 1947.

Enquanto isso, na França, Maurice Blanchot, cuja vida literária continuaria ligada à do próprio Lèvinas, possibilitou que a sua esposa e seu primeiro filho fossem levados para um mosteiro a fim de evitar que fossem capturadas pela SS, a polícia do Estado Nazista alemão. Nas bases circunstanciais do holocausto, cujas memórias estão impressas nas obras de Lèvinas, ficou evidente para o nosso pensador que

[...] o projeto europeu estava em juízo, pelo simples fato de duas guerras continentais terem ocorrido num intervalo de vinte e cinco anos. Soma-se a isto o fato de Auschwitz, mesmo considerando-se polêmico o tema do holocausto, não foi mera ficção gramatical, semântica, pragmática ou hermenêutica na narrativa judaica. (Costa, 2000, p. 42).



Contudo, Lèvinas não descarta os autores clássicos e dialoga com os filósofos da tradição, como Platão, Descartes, Kant, Hegel, Bergson, Husserl e Heidegger. Husserl e Heidegger são referência nas obras de Emmanuel Lèvinas, partindo deles ou procurando superá-los.

A situação fática, em que “A fadiga da Europa é a fadiga do ser e da ontologia” (Costa, 2000, p. 43), conduz Lèvinas a dirigir seu pensamento na busca de uma experiência como saída do ser, o que posteriormente será colocado como diferentemente de ser, que não-ser e que saber.

Em *Totalité et infini. Essair sur l'extériorité*, a obra prima de seu pensamento, publicada em 1961 como tese de doutoramento em Letras, Lèvinas “[...] critica o conceito de *Totalidade*<sup>8</sup> como uma errada pretensão filosófica do Ocidente de atingir um saber absoluto. [...] Lévinas rejeita essa perspectiva para valorizar o diferente, a alteridade [...]” (Martins, 2014, p. 16-17, grifo do autor). Prenuncia, assim, uma saída ética da ontologia, saída da existência anônima para o existente que carrega um nome.

A saída de si está na responsabilidade pelo “outro”; em ocupar-se com o “outro”; está em pensar no “outro”, em sua vida e em sua morte, antes de preocupar-se consigo mesmo. A responsabilidade pelo outro é o bem, conteúdo ético por excelência, e o filosoficamente primeiro, anterior a toda anterioridade. [...]. (Costa, 2000, p. 44, grifos do autor).

A saída de si está na alteridade, que constitui o cerne do pensamento levinasiano.  
Segundo Cruz,

O estatuto ético da alteridade no pensamento de Lévinas é a inversão do poder do sujeito pela potência-impotência do Outro. Este estatuto não se põe como mediação que visa um fim, ele não é uma mediação, mas uma modalidade de uma relação que faz do sujeito alguém que padece pelo outro. Podemos dizer que a verdadeira religião é a experiência ética da relação face-a-face. A ética em Lévinas se caracteriza como ética da alteridade. (Cruz, p. 3).

Denota-se, assim, que a Ética da alteridade que perpassa o pensamento filosófico de Lèvinas tem o Outro como ponto de partida e não como uma finalidade a ser perquirida. Nas palavras do próprio pensador,

---

<sup>8</sup> “Trata-se do primado do Eu ou do Mesmo. É a razão definida pelo Eu. Consiste na compreensão da ontologia como analogia ao indivíduo – único a existir – na sua individualidade. O primado do Eu se assenta na suficiência essencial do Mesmo, na identificação da *ipseidade*, no seu egoísmo. Trata-se de uma egolatria.” (Martins, 2014, p. 5, grifo do autor).





A alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação a um termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de *entrada* na relação, ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente. *Um termo só pode permanecer absolutamente no ponto de partida da relação como Eu.* (Levinas, 1988, p.24, grifos do autor).

Essa inversão proposta por Lèvinas, rompendo a totalização do ser, coloca o Eu e o Outro em relação face-a-face. Nesse pensamento alteritário a face do Outro ganha dimensão divina e o Eu é chamado à responsabilidade. Há uma injunção do Outro sobre Eu. O próprio filósofo da alteridade explica que

[...] há a própria verticalidade do rosto, a sua exposição íntegra, sem defesa. A pele do rosto é a que permanece mais nua, mais despida. A mais nua, se bem que de uma nudez decente. A mais despida também: há no rosto uma pobreza essencial; a prova disto é que se procura mascarar tal pobreza assumindo atitudes, disfarçando. O rosto está exposto, ameaçado, como se nos convidasse a um acto de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar. (Levinas, 1982, p. 69-70).

O Rosto do Outro se desnuda em fragilidade e poder. Fragilidade porque se expõe integralmente, sem vestimenta ou maquiagem que possam escondê-lo. Se apresenta ao Eu e ao mundo despido e frágil, deixando transparecer o que é, embora tentativas de atitudes e disfarces para esconder sua fragilidade e tentar ganhar força. Essa fragilidade é facilmente percebida quando o poder do egoísmo, do individualismo, do ter sobre o ser, se debruçam sobre o Outro a partir do Eu que ameaça, explora, expropria, escraviza, violenta e mata. Entretanto, o Rosto do Outro se desnuda também em poder. Poder que chama à responsabilidade do Eu, independentemente do ato volitivo do Outro.

Na sua segunda obra mais importante, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, Lèvinas apresenta, em uma linguagem metafórica que mais anuncia que enuncia (Costa, 2000, p. 145), o “outro do ser”, referindo-se ao transcendente, no sentido da responsabilidade para com o Outro. Como explica Martins (2014, p. 26), na seguinte afirmação: “[...] ele se refere ao transcendente [...]. Como carecemos de apreensão direta sobre tal entidade, que sempre escapa à nossa posse, temos de descobrir que ela significa concretamente nossa responsabilidade para o outro [...].”

Esse poder que convida a ver Deus na face do Outro atesta o mandamento ‘não matarás!’. É no Rosto do Outro que a ética da alteridade de Lévinas também se desnuda. É no Rosto do Outro que o pensamento de Lúcio Packter transforma a reflexão da ética da alteridade de Lévinas em clínica filosófica para além e antes da teoria, como se descreverá na sequência.



### 3 A GÊNESE DO PENSAMENTO DE LÚCIO PACKTER

Lúcio Packter é o sistematizador da Filosofia Clínica. Natural de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, passou grande parte da sua infância em Criciúma, cidade de Santa Catarina. Possui formação médica, psiquiátrica, uma vez que provem de tradicional família de médicos muito dedicados, que amavam a profissão e se doavam por ela. Possivelmente contagiado pela dedicação profissional dos familiares, com seus oito ou nove anos de idade já gostava de acompanhar o pai, os tios e outros médicos em cirurgias no Hospital São José, em Criciúma.

Will Goya (2020b, p. 37) grifa a “[...] busca existencial vocacionada de amor ao próximo desde a tenra idade dos seus oito ou nove anos, quando já acompanhava muitas cirurgias feitas pelo seu pai, dormindo no hospital. [...]”. Em relação a essa experiência de infância no hospital, Lúcio Packter discorre que o pai:

[...] atendia, às vezes, até duas da manhã. Aliás, era muito raro ele chegar em casa antes das onze da noite. Atendia todo mundo e era e é um grande humanista. E meu pai, muitas vezes eu, eu era o filho mais velho, eu ficava com ele até mais tarde. Às vezes ele precisava fazer um exame intrusivo. Então ele dizia: ‘meu filho, tu fica ali naquela salinha, na antessala, por favor, depois tu pode entrar de novo’. Então eu ficava na antessala e ali eu via outro drama. Drama que a medicina dos homens convive também, claro. Mas que ali fora é bem mais visível. [...] Meu pai era cirurgião e operava muitos mineiros. Naquela época havia uma coisa chamada fogo duro. Com uma pequena barrinha de ferro você empurrava a banana de dinamite até o fundo do paredão [...] e às vezes aquilo encontrava algum obstáculo no caminho. Explodia e vinha tudo no rosto do trabalhador. [...]. Passava às vezes até às seis da manhã restaurando o rosto de uma pessoa. [...] E ele ficava horas, oito, dez horas trabalhando no rosto da pessoa para que ela tivesse quinze, vinte por cento de visão em um dos olhos, quando o procedimento padrão era remover o globo ocular, botar uma prótese e o camarada vivia com aquilo. (Packter, 2014, 1 h 4 min 52 s – 1 h 2 min 32 s, grifo nosso).

O humanismo com que o pai cuidava dos pacientes indo além dos procedimentos padrões para recuperar ao menos parte da dignidade física dos mesmos e o contato de Lúcio Packter com os sofrimentos e angustias dos familiares das pessoas atendidas, despertam nele um humanismo voltado ao cuidado das dores que vão para além das dores físicas, o que ele denomina dores da alma.

Nesse contexto, no entendimento de Lúcio Packter, nascia o despertar para o que viria a ser anos depois a Filosofia Clínica. O própria Lúcio Packter relata:



Criança, eu ficava do lado de fora e às vezes via o desespero que é a mulher de um trabalhador desses falando ‘meu filho, vá pra casa, traz documentos pro teu pai, vê a roupa porque ele vai ficar aqui, não sei’. É uma outra dor. É uma dor de uma mãe que não sabe como é que a comida vai chegar na mesa, como é que vai ser o futuro agora. [...] É um outro tipo de dor. Na minha concepção, ali é um dos pontos nos quais a Filosofia Clínica nascia. Como tratar essa outra dor que não é a dor do corpo, a dor física? (Packter, 2014, 1h 2 min 30 s – 1h 1 min 40 s, grifo nosso).

Valores morais e epistemológicos também têm influência familiar. O professor Will Goya comenta, em artigo que pretende localizar existencialmente a vida de Lúcio Packter (2020b, p. 32) que o filósofo herdou significativos valores morais no berço da casa paterna, onde aprende desde a infância a arte da atenção às pessoas, respeitando suas individualidades, bem como o entusiasmo pela leitura. Will Goya ainda destaca que

No berço da própria casa, Lúcio Packter recebeu o que ele considera um dos maiores presentes da vida: o grande valor moral que herdou da sua família. Casa que era frequentada por diferentes classes econômicas e políticas, artistas e intelectuais do Brasil e do exterior, desde governantes a queridos amigos pescadores, sem quaisquer distinções de tratamento. Possuía uma extraordinária biblioteca e desde cedo se entusiasmou em estudá-la, por gosto próprio. Com uma educação judaica, profundamente intelectual e afetiva, foram, sobretudo, seus pais e avós os grandes mestres da alteridade, exemplos vivos, que teve na vida. (Goya, 2020b, p. 32).

A partir dos dez, onze anos idade Lúcio Packter mudou-se com os familiares para o Rio de Janeiro e embora permanecendo pouco tempo naquela cidade, o período foi marcado por muitas viagens, até se mudarem para Porto Alegre. Quiçá a disposição para mais tarde migrar continuamente em busca de respostas às suas indagações até conseguir sistematizar a Filosofia Clínica e, posteriormente, para difundi-la e prestar atendimentos clínicos, tenha sido despertada na infância.

As bases categoriais da historicidade brasileira na infância, adolescência e juventude de Lúcio Packter estiveram marcadas pelo Golpe Militar<sup>9</sup> impetrado a partir de 31 de março de 1964 e que se prolongou por mais de duas décadas. Embora a tomada do poder político tenha ocorrido sem sangria, as forças armadas brasileiras se especializaram

<sup>9</sup> O Golpe Militar também conhecido como Golpe Civil-Militar foi uma conspiração realizada pelos militares contra o Governo de João Belchior Marques Goulart, popularmente conhecido por Jango, com o apoio de parcelas da população civil do país, descontentes com o seu programa de governo, especialmente as anunciadas Reformas de Bases, reformas estruturais que incluíam a reforma agrária, a reforma administrativa, a reforma eleitoral, a reforma bancária, a reforma tributária, a reforma universitária e a reforma constitucional. Os Estados Unidos participaram da conspiração contra o Governo Jango financiando instituições e campanhas para enfraquecer o governo, por entenderem que sua política não atendia aos interesses norte-americanos.



em torturar presos políticos, ao mesmo tempo em que grande número de políticos, intelectuais e artistas buscaram o exílio como alternativa extrema à sobrevivência.

O próprio Lúcio Packter (2001, p. 15) destaca que “A década de 80 pareceu surpreendente para quem a viveu do ponto de vista dos pampas, parte meridional da América do Sul. [...]”, e o susto quando a Argentina tomou de assalto as Ilhas Falklands (Malvinas para os argentinos) em 1982<sup>10</sup> e o constrangimento dos argentinos derrotados rapidamente pela Inglaterra. O mesmo continua relatando que para si o choque daquela guerra, embora rápida, fora especialmente ruim porque “[...]. Alguns anos antes eu tinha estado naquelas ilhas; vivi bons dias em Port Stanley. Por isso, durante meses não consegui dissociar o vento, o mar, as pessoas do povoado a um contexto estúpido de bombas e explosões. Ainda hoje não posso.” (Packter, 2001, p. 16).

Packter deixa transparecer nesse relato que continuava, na juventude e posteriormente, nutrindo e alimentando o pensamento humanista iniciado na infância, ao fazer esse deslocamento longo dialogando com a sensorialidade.

Ainda em relação à década de 1980, Lúcio Packter afirma (2001, p. 18) que a mesma “[...] foi de alívio, de choro, de amor. Uma década surpreendente. [...]”. No Brasil a transição da ditadura militar para a democracia era incerta, receosa e até incômoda. Quase ninguém tinha convicção que a abertura política poderia se configurar em uma realidade concreta e que a liberdade se tornaria uma garantia<sup>11</sup>. Em relação a essa instabilidade e incerteza Lúcio Packter discorre que

[...] A gente não sabia os limites da nova liberdade, mais concedida por “eles” do que tomada por nós; não sabia até onde podia ir sem medo, até onde seria o limite para poder voltar, coisas assim. Poder dizer o que se pensa é algo muito recente. Foi demorado entender como funcionava viver sem medo. (Packter, 2001, p. 17, grifo do autor).

<sup>10</sup> As Ilhas Malvinas são um arquipélago localizado a aproximadamente 500km do litoral sul da Argentina. Foram ocupadas pelo Império Britânico desde o século XIX. O governo ditatorial da Argentina, sob o comando do general Leopoldo Galtieri, declarou guerra à Inglaterra e promoveu a invasão das Malvinas em 02 de abril de 1982, resultando imediatamente no controle de Port Stanley, mudando o nome da cidade para Puerto Argentino. Os ingleses tentaram negociar a retirada pacífica dos militares argentinos. Ante a recusa do general Galtieri os ingleses passaram a contra-atacar. Houveram sucessivas vitórias de ambos os lados. Entretanto, a superioridade inglesa impeliu as tropas argentinas a se entregarem sem maior resistência. Em 14 de julho de 1982 a Inglaterra restabelecia sua hegemonia sobre as Ilhas Falkland.

<sup>11</sup> O contexto do processo de abertura política só passa a ganhar contornos mais estáveis e confiáveis com a posse de José Sarney, em 1985, após a morte inesperada do presidente Tancredo Neves, eleito indiretamente pelo Colégio Eleitoral, e com a Constituição Federal promulgada em 1988, que garantiu e ampliou direitos aos cidadãos.



Simultaneamente, a nível internacional, a década ainda reservava acontecimentos marcantes. Depois de quase três décadas separando a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) e a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) no contexto da Guerra Fria, o Muro de Berlim, oficialmente chamado de Muro de Proteção Antifascista, construído pela Alemanha Oriental a partir de agosto de 1961, é derrubado em 10 de novembro 1989, dando início ao processo de reunificação da Alemanha, que se consolidaria no dia 3 de outubro do ano seguinte.

Lúcio Packter, sempre atento aos acontecimentos, não se furta a expor sua vivência ao escrever

Estava em um boteco em Curitiba, perto do Passeio Público, quando a televisão mostrou as pessoas galopando a muralha, estocando, retirando torrões. Alguns alemães se ajoelhavam e rezavam, outros dançavam em roda, alguns ainda apenas caminhavam ao largo daquela cicatriz viva de pedra, agora estremecida, pronta a cicatrizar de vez. Com a manga da camisa eu empurrava para o lado as lágrimas dos olhos. Queria ver, queria beber com os olhos tudo aquilo, e bebi. (Packter, 2001, p. 17-18).

Lúcio Packter tece essas considerações para assumir, expressamente (2001, p. 18), que “Em meio a esse contexto comecei a pesquisar algo que mais tarde veio a se chamar Filosofia Clínica”.

Lúcio Packter fez muitos estudos, atendeu muita gente, e foi percebendo paulatinamente que havia algo muito errado na maneira como as questões da alma eram tratadas. Segundo Marta Claus,

Packter trabalhava em consultório quando percebeu que não se sentia satisfeito com a psicoterapia tradicional, pois a mesma ao direcionada (*sic*) pelo clínico não deixava que a pessoa se expressasse por ela mesma. Não encontrando respostas satisfatórias se afasta da clínica e parte em busca de pesquisas que pudessem fundamentar seus pensamentos e apaziguar suas dúvidas. (Claus, 2015, p. 30).

As limitações causadas por questões encontradas na área hospitalar incomodavam Lúcio Packter. Constatando que muitas das questões eram de ordem existencial, buscou conhecer terapias que pudessem lhe dar respostas aos questionamentos.

O caminho epistemológico trilhado foi muito árduo. O contexto da época não lhe fora favorável. Lúcio Packter (2014) fala sobre aquele momento e as dificuldades travadas. Afirma que frequentava muito a Livraria do Chaim, em Curitiba, capital do estado do Paraná, para fazer aquisições de obras que lhe pudessem ser úteis. Na maioria



das vezes fazia encomendas de obras que a referida livraria importava. Entretanto as obras tinham alto custo econômico e demoravam meses para serem entregues. Outro revés era o fato delas não terem tradução em língua portuguesa.

Para dialogar diretamente com os autores, as dificuldades também se assomavam. As viagens para o exterior eram comumente muito dispendiosas. O sistema de telefonia era bastante precário, necessitando fazer a chamada em uma central que fazia a conexão com o exterior. A demora para conseguir conexão era comum. Não bastasse esses inconvenientes, as ligações eram interrompidas com frequência e precisavam ser refeitas. A comunicação através das linhas telefônicas era antiquada, comparada à atualidade.

Ante as dificuldades encontradas no Brasil para conseguir desenvolver suas pesquisas, Lúcio Packter, com o incentivo moral e financeiro do avô, faz incursões por países da Europa, estudando as diversas terapias nos seus vertedouros. Miguel Angelo Caruzo explica que Lúcio Packter

[...] Nos anos de 1980, deixou o consultório médico e foi para Edimburgo, a princípio, para estudar neurologia. Porém, na capital escocesa, ficou sabendo de propostas de terapia que utilizavam a filosofia. Isso reacendeu a paixão do então jovem Lúcio por suas leituras de adolescência e ele se pôs a pesquisar tais propostas. (Caruzo, 2021, p. 29).

Paula Prizo esclarece sobre esse aspecto que

Nascida da insatisfação de Packter ao observar os resultados quase sempre ineficazes da psicanálise e da psiquiatria junto aos pacientes, dedicou-se a anos de pesquisas no campo da filosofia, não só no Brasil, mas pelo mundo. Packter se inspirou com os trabalhos de pessoas como Gerd Achenbach, que havia sido o inaugurador da ideia, ao montar um consultório de filosofia, na Alemanha, em 1981. Marc Sautet que abriu um consultório particular e orientava debates filosóficos da *Café des Phares* em Paris desde 1992 e Lou Marinoff oferecia aconselhamento filosófico (além de outros trabalhos) desde o início da década de noventa em Nova York. (Prizo, 2021, p. 13).

Essas práticas auxiliaram Packter, mas não lhe forneceram respostas satisfatórias. Entrando em contato com a Filosofia Prática percebe que na Filosofia poderiam estar as respostas para suas inquietações. Entretanto Packter não aproveita a Filosofia Prática por não possuir um método claro e seguro.

Regressando ao Brasil continuou suas investigações, utilizando-se de uma espécie de anamnese<sup>12</sup>. Tal procedimento o levou a identificar questões comuns, independentes

<sup>12</sup> Na medicina, anamnese é uma espécie de entrevista, um diálogo inicial entre o profissional da saúde e o seu paciente com o objetivo de ajudar a lembrar de situações e fatos que podem estar relacionados à sua doença. A partir de uma queixa inicial reconstrói-se a história clínica do paciente para entender a doença atual.



dos contextos culturais de que as pessoas eram oriundas. Segundo Lima (2015, p. 6) a revisão de seu processo de anamnese foi provocada pela leitura de alguns autores, principalmente Gadamer. Entretanto permanecia a problemática em torno da coleta de dados da pessoa de modo a não direcionar o atendimento.

Nessa etapa de seu processo de pesquisa, Lúcio Packter, com 28 anos de idade percebe o quanto seus atendimentos clínicos estavam contaminados por agendamentos na maneira como conduzia o trabalho. Em entrevista concedida a Will Goya, expressa os momentos difíceis pelos quais passou, relatando que chegou ao ponto de pensar “[...]. Achei que o que eu tinha feito já estava de bom tamanho, que talvez outros pudessem levar a pesquisa adiante, que não era trabalho de uma pessoa só. [...]”. (Goya, 2020b, p. 32-33). E continua dizendo,

[...] primeiro eu fiquei muito chateado e deixei o trabalho pra lá. Fiz uma viagem muito grande. Nessa ocasião eu viajei e fui a alguns países. Fui tocar música, algo que sempre me inspirou muito, tocar jazz, piano, beber umas boas cervejas vermelhas, fazer leituras de outras ordens. Numa dessas ocasiões, eu tomei contato, apresentaram-me o trabalho de Gödel, filósofo da matemática. Eu não o conhecia. E por curiosidade, foi apenas uma curiosidade, que eu peguei a obra dele. Tive muitas dificuldades em entender os conceitos dele. Foi um ensaio que ele fez aos seus trinta e poucos anos em uma publicação em revista, não em um livro. Apenas um ensaio, mas aquilo me sacudi, me chocou profundamente. [...]. (Goya, 2020b, p. 33).

Esse contado com a obra de Gödel, quando Packter estava em Madri, capital da Espanha, abriu novas perspectivas na pesquisa e formação de seu pensamento filosófico clínico, ao perceber que alguns cálculos matemáticos mais avançados são apenas derivações que acabam em ideias complexas.

A partir dessa percepção Lúcio Packter recua e se dedica a conhecer mais em profundidade a filosofia matemática. Passa a estudar Georg Cantor, filósofo da matemática, alemão, nascido no Império Russo em 1845. Aprende, assim, os conceitos de intervalos abertos e fechados, que lhe deram a saída para a colheita da historicidade com o mínimo de agendamentos, possibilitando aprofundamentos nela, utilizando o que passou a denominar de Dados Divisórios<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Dados Divisórios em Filosofia Clínica são partições na historicidade do partilhante, segundo critérios temporais, relacionais, eventos, dados cognitivos ou outros trazidos à narrativa editada da história de vida pelo próprio partilhante, das quais o Filósofo Clínico pode se utilizar se observar que houve saltos lógicos ou temporais e/ou se sentir necessidade de maiores informações. Os dados divisórios necessariamente devem respeitar a maneira como o partilhante estrutura sua historicidade. O próprio sistematizador da Filosofia Clínica, Lúcio Packter, na página 12 do Caderno J, expressa que “[...] os dados divisórios servem para maior entendimento das questões esparsas, quebradas do contexto, espalhadas e fragmentadas sem um canto de pouso e de referência. [...]”



Da analítica da linguagem Lúcio Packter utiliza o conceito e significado da expressão termos exatos. Na mesma entrevista já mencionada (Goya, 2020), o próprio Lúcio Packter relata ao professor Will Goya que

[...] Nessa altura eu já sabia que, se eu usasse as minhas palavras, às vezes a pessoa ficava olhando para o teto até ela se localizar. Mas se eu usasse exatamente as palavras que ela mesma tinha me dito, no mesmo instante ela acessava sua *Historicidade*, porque eu utilizara os próprios termos dela para fazer isso. [...]. (Goya, 2020b, p. 34, grifo do autor).

Todo o material colhido em inúmeras práticas clínicas até então precisaram ser descartados, “[...] com dor no meu coração, porque aquilo me custou tantas horas, tantos dias e tantos meses de trabalho. [...]”. (Goya, 2020b, p. 36). Entre erros e tropeços, estudos e aprofundamentos, pausas e recomeços, o procedimento encontrado veio a denominar-se historicidade, que é uma edição da história de vida da pessoa feita por ela mesma.

Segundo Magalhães,

Por acreditar que a Filosofia, com seus mais de dois mil e quinhentos anos de pensamento na cultura ocidental, poderia ajudar as pessoas em seus problemas existenciais Packter resgata o objetivo primevo dela mesmo. A ideia de colocar a reflexão filosófica como terapêutica para os problemas cotidianos da existência humana [...]. (Magalhães, 2011, p. 9).

Packter, utilizando-se de 2.500 anos de Filosofia sistematiza o que passa a ser denominado Filosofia Clínica, representando “[...] um corte Epistemológico no que se refere às concepções psicoterápicas existentes desde o século XIX. [...]” (Magalhães, 2011, p. 33). A Filosofia Clínica de Lúcio Packter é orientada por teorias universais dos mais diversos pensadores e escolas filosóficas, entretanto a metodologia da Filosofia Clínica possui formas abertas, maleáveis e flexíveis, permitindo que os Exames Categoriais, os Tópicos da Estrutura de Pensamento e os Submodos sejam preenchidos pelos conteúdos que habitam a pessoa, o partilhante, em sua singularidade.

A alteridade no pensamento e na Filosofia Clínica de Lúcio Packter dialogam com Emmanuel Lèvinas, estabelecendo alguns paralelos e aproximações, mas vai além, convertendo em prática clínica a reflexão filosófica da alteridade.

---

(Continuidade da nota 13) “[...] Eles dão consistência às informações anteriores, dirimem dúvidas, explicam minúcias das experiências vividas. Podem ocorrer apenas repetições do que já havia sido trabalhado, podem surgir pormenores que invalidem o discurso da história inicial, a pessoa pode rebater a atividade clínica por se deparar com algo doloroso ou desagradável em sua própria história., pode questionar o Filósofo a respeito do que é concernente aos propósitos da clínica em si mesma, pode começar a refletir que nada mais tem a narrar e se preocupar com isso, etc.”





#### 4 EMMANUEL LÈVINAS E LÚCIO PACKTER: PARALELOS E APROXIMAÇÕES

As bases categoriais de formação e consolidação do pensamento filosófico de Emmanuel Lèvinas e do pensamento filosófico clínico de Lúcio Packter apresentam algumas aproximações e similitudes.

Ambos de origem judaica, têm na base familiar, desde tenra idade, o contato com ensinamentos morais de ordem religiosa e o fascínio pela leitura. Emmanuel Lèvinas faz sua iniciação em clássicos da literatura russa, cujos temas centrais transbordam sobre o amor e a transcendência, despertando-lhe abundantes inquietudes metafísicas, na livraria do pai e nos estudos talmúdicos. Lúcio Packter a encontra na “[...] educação judaica, profundamente intelectual e afetiva [...]” (Goya, 2020b, p. 32) e na extraordinária biblioteca da família, que “[...] desde cedo se entusiasmou em estudá-la, por gosto próprio. [...]” (Goya, 2020b, p. 32).

Lèvinas e Packter experienciam diferentes contextos na infância, mas que os conduzem para a aproximação e atenção voltadas para a superação da totalidade ontológica do Eu, para o Outro. Lèvinas trava suas primeiras batalhas existenciais migrando com a família em função do antissemitismo do Império Russo, da eclosão da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Bolchevique de 1917. Packter absorve a dor da alma dos Outros nas salas de espera e corredores do hospital onde seu pai atendia mineiros desfigurados pelas explosões acidentais que ocorriam no interior das minas na região de Criciúma, em Santa Catarina.

Ainda relativamente jovens, ambos se deixam levar pelos questionamentos de ordem moral, filosófica e humana e partem em busca de respostas às suas inquietudes existenciais. Emmanuel Lèvinas estuda os clássicos da Filosofia, como Platão, Aristóteles, Descartes e Kant. Em Bergson, Lèvinas vai se sentir inspirado com a concepção de tempo e as noções de duração e de invenção e toda a maravilha da diacronia, com questionamentos da substancialidade e da solidez, da noção de ser, um pouco além do ser e diferentemente de ser (Costa, 2000, p. 36). Entrando em contato, inesperadamente, com a obra de Husserl descobre que é possível trabalhar em filosofia sem prender-se a sistemas fechados de dogmas e ao mesmo tempo sem percorrer caminhos inseguros, confusos e desordenados (Lévinas, 1982, p. 17).

Lúcio Packter, por sua vez, não apenas se dedicou ao estudo da Filosofia “Por acreditar que a Filosofia, com seus mais de dois mil e quinhentos anos de pensamento na



cultura ocidental, poderia ajudar as pessoas em seus problemas existenciais [...]” (Magalhães, 2011, p. 9), como buscou beber na fonte de conhecimentos práticos que pudessem ser aplicados em consultório. Viaja por diversos países da Europa e tem contato com trabalhos e ideias diferentes relacionadas à Filosofia Prática, cujas respostas foram ineficazes às suas inquietações. Em um dos momentos mais difíceis de sua trajetória, igualmente por acaso, tem contato com a Filosofia da Matemática, que lhe dá novas perspectivas e resolvem o problema da coleta da historicidade sem contaminação, utilizando-se dos conceitos de intervalos abertos e fechados, que fundamentarão os dados divisórios.

Percebe-se com evidências que o fascínio pela leitura desde a infância representa um tônico vivificante nos momentos mais cruciais para ambos. Durante o tempo que ficou cativo no Stammlager 11 B, Emmanuel Lèvinas dedicou-se a escrever a obra *De l'existence à l'existat* e, segundo Costa (2000, p. 40) a ocupar o tempo livre com leituras filosóficas e autores de diferentes procedências, com os quais ainda não tivera tido contato, como, por exemplo, Hegel, Proust, Diderot e Rousseau.

Lúcio Packter quando se dá conta que as historicidades coletadas em consultório e que eram base importante em suas pesquisas estavam todas contaminadas por agendamentos<sup>14</sup>, fica muito chateado ao ponto de deixar todo trabalho de lado e viajar por alguns países para “tocar música [...], beber umas boas cervejas vermelhas, fazer leituras de outras ordens. [...]” (Goya, 2020b, p. 33). Dessas leituras vem a resposta que faltava para a coleta da historicidade sem agendamentos.

Emmanuel Lèvinas desenvolve a filosofia da alteridade, revolucionando a compreensão histórico-filosófica relacionada à questão do ser, representando um corte epistemológico de superação do Eu. Lúcio Packter, inspirado na ética da alteridade de Lèvinas, faz do Outro a centralidade da prática clínico-filosófica, representando um corte epistemológico nas concepções psicoterápicas.

Como Emmanuel Lèvinas, que migra pela Europa em busca de respostas para suas inquietações ético-políticas quanto à realidade cultural europeia ocidental, Lúcio Packter fez incursões pela Europa em busca de respostas aos questionamentos de ordem existencial que o incomodavam. O sofrimento das pessoas foi o combustível comum entre

---

<sup>14</sup> Agendamentos são interferências indevidas realizadas pelo filósofo clínica durante o processo de colheita e pesquisa da historicidade, que podem levar o partilhante a um desvio de rota na edição de sua história de vida ou a trilhar caminhos induzidos pelos agendamentos. Em Filosofia Clínica os agendamentos precisam ser mínimos durante a historicidade a fim de possibilitar ao partilhante a continuidade de sua narrativa, sem saltos lógicos ou temporais para se ter um relato o mais ordenado e completo possível.



Packter e Lèvinas a mover as inquietações e fugir das verdades convencionadas em busca de respostas satisfatórias. Segundo Goya

Há muitos filósofos da alteridade e, como tais, elaboraram conceitos, porém não criaram estratégias práticas para o exercício cotidiano da alteridade. Há quem diga que isso não é missão da filosofia e sim das ciências, das religiões, das artes e da cultura em geral. Seja como for, Lúcio Packter aceitou essa incumbência, em benefício daqueles que não souberam fazer dos livros uma extensão natural da vida. A rigor, nenhuma objetividade científica ou filosófica é possível sem a existência do ser humano, do sujeito que elabora a cultura e constrói o conhecimento. [...]. (Goya, 2010, p. 29).

Lúcio Packter se destaca de todos os filósofos da alteridade que refletiram sobre o Outro ao levar para a prática da existência cotidiana o exercício da alteridade, fazendo do Outro, no caso da Filosofia Clínica, o partilhante, o centro da atenção e da escuta radical. Por isso, em Filosofia Clínica a terapia é personalizada. Cada partilhante é um novo e único “livro existencial” a ser estudado, pesquisado e ajudado a partir do que está em sua própria estrutura de pensamento.

Ainda nas considerações acerca da alteridade na terapia packteriana, continua Goya fundamentando que

[...] A Filosofia Clínica nasceu da clínica filosófica e não o inverso, orientando-se essencialmente para os cuidados com o outro, constituindo-se, primeiramente, uma prática amorosa de encontro para só depois investigar a validade das teorias acadêmicas a que se reporta. [...] o exercício da atividade clínica por ela feito tem uma ética de alteridade, cujos pressupostos não coincidem exatamente com os modelos de alteridade conhecidos em nossa época, o que me leva a acreditar ser a ética (ou a atitude) da escuta radical a fundação básica da Filosofia Clínica. (Goya, 2010, p. 38).

A responsabilidade e os cuidados com o Outro, que são a centralidade do pensamento filosófico de Emmanuel Lèvinas, em Lúcio Packter e seu método clínico-filosófico ganham contornos práticos de metodologia e de responsabilidade, ao fazer da ética da escuta radical do Outro a sua fundamentação basilar.

A prática de alteridade da clínica packteriana, que se constrói no encontro entre filósofo clínico e partilhante na perspectiva das interseções de Estrutura de Pensamento (Tópico 28)<sup>15</sup> são as premissas para uma clínica produtora para ambos. Genisson Angelo

<sup>15</sup> Nas páginas 7 e 8 do Caderno A, Lúcio Packter explica que “Interseção é a qualidade da relação estabelecida que pode ser: a) Interseção Positiva: aquela que é subjetivamente boa, no sentido de bem-estar, entre ambos. b) Interseção Negativa: aquela que é subjetivamente ruim, no sentido de mal-estar, a ambos. c) Interseção Confusa: As pessoas envolvidas não sabem determinar propriamente o que estão vivenciando. d) Interseção Indefinida: aquela que oscila com frequência suficiente a tal modo que não se pode entendê-la como nenhuma das anteriores.



Guimarães (2021, p. 224), ao escrever sobre as interseções de Estrutura de Pensamento (Tópico 28), sustenta que o fenômeno do acontecimento clínico se dá no encontro que nasce da presença de um diante do outro e

A relação se faz em si mesma no momento em que se faz, tal qual uma forma que busca a si mesma e se desdobra em conteúdo evanescente. O encontro clínico é, a cada vez, único, jamais voltará a acontecer, como o “ser sendo”, e do qual, enquanto filósofos clínicos, buscamos minimizar toda forma de intencionalidade e normatividade. Nesse sentido, está posta, a um só tempo, a beleza (forma) e a dificuldade (conteúdo) da clínica. (Guimarães, 2021, p.226, grifo do autor).

A relação face-a-face com o Outro refletida na alteridade levinasiana, onde o Outro faz uma injunção sobre o Eu e sobre o qual o Eu é responsável, em Lúcio Packter se concretiza na terapia clínica, no momento da interseção.

Emmanuel Lèvinas pesquisou os clássicos do pensamento filosófico, como Platão, Aristóteles, Descartes, Kant e, em especial Husserl e Heidegger, os quais utiliza em suas obras como ponto de partida para a formulação de seu pensamento ou os utiliza para contraditá-los e superá-los.

Lúcio Packter recorre aos 2.500 anos de filosofia em sua pesquisa de sistematização da Filosofia Clínica e utiliza o pensamento de diferentes filósofos e escolas filosóficas para encontrar respostas e traçar caminhos na construção do método terapêutico que busca conhecer o Outro, pelo e a partir do Outro e de sua base existencial. Paula Prizo é enfática ao expressar que

[...] Na filosofia, Packter encontrou os caminhos para a construção de métodos terapêuticos altamente personalizados a partir dessa busca por conhecer o outro, por conhecer a sua localização no mundo, por conhecer os seus modos de ser e sobretudo com respeito, com ética, com dignidade não partindo de um olhar no qual o terapeuta tem tudo pronto, mas no qual o seu papel ali é menor diante do mundo que está a sua frente que é o mundo daquela pessoa. Assim, a Filosofia Clínica abre um pressuposto para restabelecer a Filosofia enquanto ciência da observação dos fenômenos por sua metodologia voltada para a existencialidade do sujeito. Uma área de atuação para quem tem amor ou amizade pelo saber. (Prizo, 2021, p. 12).

Como se depreende, a metodologia packteriana volta-se para a existencialidade do Outro com respeito e Ética, o que se dá pela escuta da historicidade, da compreensão da estrutura de pensamento do Outro por aproximação e pela aplicação dos submodos informais que são utilizados pelo próprio partilhante, bem como outros possíveis submodos formais que auxiliarão o Outro, o partilhante, a melhorar a sua realidade existencial.



## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO

O presente trabalho se trata de um artigo de revisão, cuja investigação desenvolvida é de caráter qualitativo, na qual se utilizou da análise de dados historiográficos e teóricos coletados a partir de Revisão de Literatura com base em bibliografias previamente estudadas, fichadas, resumidas e resenhadas como atividades práticas das aulas de Metodologia da Pesquisa Científica no Curso de Mestrando Livre e Institucional em Filosofia Clínica, do Instituto Sendkto de Ensino Superior, junto a demais obras relacionadas ao objeto de pesquisa.

Como fundamento do método procedimental bibliográfico no trato do *corpus* da pesquisa analisado, ou seja, o conjunto de textos em meio físico e digital, foram utilizados os métodos descritivo, fenomenológico e filosófico-clínico packteriano de abordagem, na relação com o método histórico e a pesquisa documental com base em material em áudio, acompanhado de sua transcrição.

A pesquisa evidenciou que Emmanuel Lèvinas entendeu a base categorial de sua condição existencial desde tenra idade, quando “[...] ‘toma-lições-na-pele’ [...]” (Bezerra, 2013 p. 172) ao migrar pela primeira vez de sua cidade natal.

A partir de então, numa condição de nomadismo em busca de respostas existenciais e de luta pela sobrevivência continua suas migrações pela Europa, ora pesquisando respostas e desenvolvendo seu pensamento altruísta, ora presenciando as agruras da violência antisemita e genocida contra seu povo e sua família, que solidificam a revolução na compreensão do ser que vinha desde a tradição filosófica colocando o Eu na centralidade. Lèvinas inverte a ordem fenomenológica e coloca o Outro na condição de relação face-a-face com o Eu, onde este é intimado à responsabilidade para com aquele.

Destarte, a ética da alteridade de Lèvinas se firma como a filosofia primeira e marca um corte epistemológico de superação do Eu, estabelecendo um novo paradigma de compreensão Ontológica. Na compreensão de Will Goya, Emmanuel Lèvinas é

[...] Um dos maiores filósofos do nosso tempo, a profundidade de seu legado marcou o nascimento de um novo humanismo, uma revolução na história do pensamento, desde os gregos, instaurando a ética como “filosofia primeira” a partir da alteridade, antecedendo a ontologia. Sua extraordinária obra abriu espaço e fertilizou o espírito da nossa época para brotarem outras expressões de alteridade, a exemplo do incrível trabalho e vida de Lúcio Packter. (Goya, 2020, p. 15, grifos do autor).



Lúcio Packter, com proximidades à reflexão de Lèvinas, esforça-se em conduzir à prática terapêutica, elevando o Outro, que na Filosofia Clínica é o partilhante, à condição de sujeito único e singular, para com o qual o Filósofo Clínico assume a responsabilidade de acompanhar durante todo o processo clínico com a cautela necessária dos agendamentos mínimos, a partir da escuta radical e respeitosa a fim de se possibilitar entre ambos interseções de Estrutura de Pensamento (Tópico 28) capazes de conduzir a uma clínica exitosa em proveito da melhoria existencial.

O professor Will Goya (2020b, p. 25) assevera que “[...] Lúcio nos proporciona hoje uma perspectiva ímpar dos métodos terapêuticos e da ética da alteridade em seus cuidados práticos para com os outros. [...]” e o toma como exemplo a ser seguido ao arrematar que

O seu nome é Lúcio, e assim devo chamá-lo, mas seu pronome pessoal é “nós”. Aqueles que o conhecem profundamente sabem que ele representa a essência de um autêntico filósofo clínico, que se dedica “ininterruptamente” todos os dias da sua existência a uma vida pública, por inteiro dedicada aos outros. (GOYA, 2020, p. 26, grifos do autor).

Assim, a ética da alteridade em Lúcio Packter é uma prática filosófica-clínica de caminhar rumo e junto à infinitude que é um Outro alguém, o partilhante.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou, nos limites possíveis e necessários, a trajetória historiográfica de Emmanuel Lévinas, desde a tenra idade até a consolidação da elaboração do pensamento filosófico da Ética da alteridade como filosofia primeira, revolucionando a ontologia filosófica ao inverter a supremacia do Eu como sujeito cognoscente sobre o Outro cognoscível.

A tradicional filosofia ocidental e totalitária, do primado ontológico do Eu é questionada e superada por Emmanuel Lèvinas que busca a evasão do Eu, a saída, para construir reflexivamente a Ética da alteridade em que o Outro é Outrem, em toda anterioridade em relação ao Mesmo e que se coloca numa relação de transcendência no face-a-face, onde o Rosto é a expressão da sua exterioridade, que chama à responsabilidade.



Considerou-se igualmente, dentro das limitações formais deste trabalho, os caminhos trilhados por Lúcio Packter, desde suas inquietações sobre os problemas existenciais do ser humano que não encontravam guarida nas terapias tradicionais até o seu debruçar sobre os mais de 2.500 anos de Filosofia e a sistematização da Filosofia Clínica, que resultou na valorização do Outro, o partilhante, como sujeito único e singular na clínica filosófica.

A responsabilidade ética através da qual a Filosofia Clínica, através do filósofo clínico, cuida do Outro, o partilhante, parte da escuta radical do que o Outro tem a dizer, desde a apresentação da queixa inicial, a narrativa da historicidade com agendamentos mínimos, as levadas de dados divisórios e os enraizamentos, para somente após um maior conhecimento do Outro, por aproximação, ter dados mínimos suficientes para mapear seus Exames Categoriais, os Tópicos da sua Estrutura de Pensamento e identificar os Sudmodos informais e formais possíveis e necessárias para os procedimentos clínicos.

Cabe-se destacar que no processo terapêutico, as interseções entre Estruturas de Pensamento (Tópico 28) vão permear toda a clínica. As relações que se estabelecem entre filósofo clínico e partilhante irão definir a qualidade das interseções. O terapeuta precisará ficar atento a essas interseções e às suas qualificações a fim de possibilitar que o Outro, o partilhante, **seja** Outrem, em seu tempo, com sua movimentação tópica, com sua maneira de estruturar-se subjetiva e singularmente. A alteridade ética da responsabilidade na Filosofia Clínica está amalgamada às qualidades das relações e interseções que irão se estabelecendo, em prol de uma clínica satisfatória, que acolha, escuta, cuida e respeite o Outro.

O presente trabalho é por demais limitado para tecer conclusões. Respeitando a proposta da pesquisa, resgatou as bases categoriais da formação do pensamento de Emmanuel Lèvinas e a consolidação da sua reflexão da Ética da alteridade, bem como as bases categoriais da formação do pensamento de Lúcio Packter que o levam a sistematizar a Filosofia Clínica, como uma prática terapêutica que traz para o exercício prático da existência o respeito e o cuidado ético pelo Outro.

A conversação entre os paralelos, similitudes e aproximações entre ambos, ressalta a importância, ao nosso ver, da responsabilidade Ética da alteridade para a terapia em Filosofia Clínica e para fazer dessa prática terapêutica um diferencial no que tange à primazia da singularidade do Outro no face-a-face da terapia.

O tema permanece em aberto, colocando-nos a exigências de apontamentos e aprofundamentos futuros, e sob novas perspectivas e pesquisas será abordado em artigos



subsequentes que continuarão sob novos prismas a conversão entre Emmanuel Lèvinas e Lúcio Packter. Entre a Ética da alteridade e a intersubjetividade de Lèvinas e as interseções de Estruturas de Pensamento na Filosofia Clínica de Packter.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Lilian Maria Martins de. **A Reunificação da Alemanha**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/reunificacao-alemanha.ftm>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- BEZERRA, Herlon Alves. **A trajetória bioepistemográfica de Emmanuel Lèvinas: pistas pra uma prática intercultural do pensamento**. R.Adm. Educacional. Recife, v.4, n.10, p. 1-202, jul/dez 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/2301/1853>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- CARNEIRO, Alfredo. **Emmanuel Lèvinas: Introdução à Filosofia da Alteridade**. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/2014/levinas-filosofia-da-alteridade/#:~:text=O%20fil%C3%B3sofo%20lituano%2Dfranc%C3%AAs%20Emmanuel,baseada%20na%20ideia%20de%20Alteridade>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- CARUZO, Miguel Angelo. **Introdução à Filosofia Clínica**. Petrópolis: Vozes, 2021. 205p.
- CHALIER, Catherine. **Levinas: a utopia do humano**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. 196p.
- CINTRA, Benedito E. Leite. **Pensar com Emmanuel Levinas**. São Paulo: Paulus, 2009. 188p.
- CLAUS, Marta. **As Filosofias Aplicadas emergentes em fins do século XX e início do século XXI**. Apostila 1 Introdução à Filosofia Clínica. Instituto Campinas, 2015. 48p.
- COSTA, Márcio Luis. **Lèvinas, uma introdução**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. 239p.
- CRUZ, Ricardo Souza. **Uma breve leitura sobre a ética da alteridade em Emmanuel Lèvinas**. Disponível em: <http://ri.ucs.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3315/1/Uma%20breve%20leitura%20sobre%20a%20%C3%A9tica%20da%20alteridade%20em%20Emmanuel%20L%C3%A9vinas.PDF>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- DOUEK, Sybil Safdie. **Paul Ricoeur e Emmanuel Lèvinas: um elegante desacordo**. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 343p.
- GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio: lições do diálogo na filosofia clínica = *Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy*** / Will Goya; tradução Clare Charity; revisão Fernanda Moura. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. 422p.





GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio**: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica. 4. Ed. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020a. 268p.

GOYA, Will. Onde está Lúcio Packter?. In: SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020b. 241p.

GRZIBOWSKI, Silvestre. **Transcendência e ética**. Um estudo a partir de Emmanuel Levinas. São Leopoldo. Oikos, 2021. 112p.

GUIMARÃES, Genisson Angelo. Tópico 28 – Interseções de Estruturas de Pensamento. In: FERNANDES, Cláudio; GUIMARÃES, Genisson A.; SILVA, Márcio José; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.). **Tópicos**. Recanto da Filosofia Clínica: São Paulo, 2021. 277p.

HISTÓRIA da Filosofia Clínica – Parte II. [Locução de]: Lucio Packter. Criciúma/SC. **XVI Encontro Nacional de Filosofia Clínica – Transmissão ao vivo da palestra de abertura**, 18 set. 2014. *Podcast* (1 h 17 min 50 s). Disponível em: <https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/conteudo-base-01-ep/lectures/60c0fce9b97ea1bf751fea99/contents/60c0fce9b97ea1bf751fea9b/>. Acesso em: 21 out. 2022.

HUTCHENS, B. C. **Compreender Lévinas**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2007. 238p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Tradução Paul Albert Simon, Ligia Maria de Castro Simon. Campinas: Papirus, 1998. 119p.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Tradução de Marcelo Fabri, Marcelo Luiz Pelizzoli, Evaldo Antônio Kuiava. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 231p.

LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. 196p.

LEVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 290p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982. 103p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993. 109p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988. 287p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do rosto**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 43p.



LIMA, José Gabriel de Oliveira, SILVA, Márcio José Andrade da. **Atitude Filosófica – Filosofia Clínica e Contemporaneidade**. Apostila 1 Introdução à Filosofia Clínica. Instituto Campinas, 2015. 48p.

MAGALHÃES, Marta Claus. **A possibilidade da Historicidade do partilhante como fundamentação teórica da prática clínica**. 2011 – Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto Packter, Porto Alegre, 2011.

MARTINS, Rogério Jolins; LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014. 68p.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: propedêutica**. Florianópolis: Garapuvu, 2001. 176p.

PASTORIO, Elcio Joél. **Características e fundamentações filosóficas da intersubjetividade nas Interseções de Estrutura de Pensamento (T28)**. 2024. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Clínica) – Instituto Sendtko de Ensino Superior, Chapecó/SC, 2024.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **A relação ao outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. 116p.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Levinas: a reconstrução da subjetividade**. Porto Alegre: DIPUCRS, 2002, 248p.

PRIZO, Paula Regina Medeiros. **Filosofia Clínica: a busca pela liberdade do ser**. 2021. Monografia (Bacharelado em Filosofia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. 70p.

RIBEIRO JR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2005. 337p.

SEBBAH, François-David. **A ética do sobrevivente: Levinas, uma filosofia da derrocada**. Tradução de Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021. 110p.

SEBBAH, François-David. **Lévinas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 248p.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **O Outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 62p.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sujeito, ética e história**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999. 183p.

SUSIN, Luiz Carlos. **O Homem Messiânico**, uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1984. 486p.

---

\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: [pastoriofcepoche@gmail.com](mailto:pastoriofcepoche@gmail.com).